



MÉTODOS CONTRACEPTIVOS: DIFICULDADES DE ADESÃO NO PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA

CONTRACEPTIVE METHODS: DIFFICULTIES IN COMPLIANCE

MIRANDA, Carolina Terumi Araújo Sato^I; GIMENES, Gustavo^{II}; BERETTA, Darlene^{III}.

^I Acadêmica do 10º período do Curso de Enfermagem da Universidade São Francisco. São Paulo, Brasil. E-mail: carolina_terumi@hotmail.com

^{II} Acadêmico do 10º período do Curso de Enfermagem da Universidade São Francisco. São Paulo, Brasil. E-mail: gimenes077@gmail.com

^{III} Enfermeira Obstetra Mestre em Ciências da Saúde pelo Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual - São Paulo. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade São Francisco. São Paulo, Brasil. E-mail: berettasmk@gmail.com

RESUMO

Introdução: métodos contraceptivos são maneiras, que envolvem uso de medicamentos, cirurgias, modos comportamentais e alguns objetos que têm o objetivo de prevenir/evitar a gravidez. As causas que cercam a dificuldade de adesão aos métodos contraceptivos são diversas. Metodologia: o presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo de caráter transversal, exploratório-descritiva quantitativa. Resultados: A escola é um ambiente adequado para realizar a educação em saúde, e trabalhar este assunto, sendo que é o período em que os adolescentes geralmente iniciam a vida sexual. Os adolescentes relatam que não possuem um amplo conhecimento sobre os métodos contraceptivos, além de não saber usá-los de forma adequada. Uma situação que está diretamente relacionada à forma e à qualidade das informações recebidas referente ao assunto. Conclusão: considerando que a pesquisa foi realizada com um curso de graduação da área da saúde é de suma importância focar neste déficit que foi exposto nesta pesquisa; de tal forma que os docentes dessa área possam atuar conseguindo um saber em a respeito do assunto em



questão. Contribuindo para a formação de profissionais capacitados a multiplicar informações em saúde de forma correta e abrangente para a população.

Palavras-chave: adolescência, enfermagem, métodos contraceptivos.

ABSTRACT

Introduction: contraceptive methods involve the use of medication, surgeries, behaviorism, and a few objects which purposes are to prevent pregnancy. The causes that surround the difficulties in adhesion to contraceptive methods are diverse. **Methodology:** this study is an infield, transversal, quantitative, descriptive-exploratory research. **Results:** the school environment is ideal for health education and the development of this topic since the adolescence initiate their sexual activity during this cycle in life. The teenagers reported that they did not have a broad knowledge about contraceptive methods, nor do they know how to use them adequately. A situation that is related to the manner and quality of the information received about the subject approached in this study. **Conclusion:** considering that the study was carried out with a college healthcare course, it is of utmost importance to focus on the deficit that was exposed in this research in order for the healthcare professors to be able to teach knowing about the subject in question and to contribute to the training of competent professionals for them to multiply information in a correct and comprehensive way for the population.

Key words: adolescence, nursing, contraceptive methods.

INTRODUÇÃO

O Brasil apresenta uma das maiores taxas se equiparado aos países da América Latina e Caribe, chegando a 68,4 nascidos vivos para cada mil adolescentes e jovens. No Brasil, cerca de 930 adolescentes e jovens têm filho todos os dias, totalizando mais de 434,5 mil mães adolescentes anualmente, número que atualmente está em declínio. Para diminuir mais esta taxa, o Ministério da Saúde e o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos procuram por meio de uma campanha nacional prevenir a



gravidez precoce: “Tudo tem seu tempo: Adolescência primeiro, gravidez depois” (BRASIL, 2020).

Baseado nos dados de saúde e comportamentais, a sugestão da campanha é incitar a reflexão e promover o diálogo entre os jovens e as suas famílias quanto ao desenvolvimento afetivo, autonomia e responsabilidade. Além disso, encorajá-los a buscar orientações nas unidades de saúde sobre as formas de métodos contraceptivos. Dessa forma, os adolescentes poderão tomar decisões mais conscientes sobre a vivência da sua sexualidade, de forma segura, responsável e com conhecimento sobre o próprio corpo (BRASIL, 2020).

A adolescência é uma fase em que o sujeito possui uma necessidade grande de entender sua personalidade, sexualidade e de se integrar socialmente. Além de lidar com suas emoções, conflitos, quebra de tabus impostos pela sociedade, ou pela família, neste período o adolescente busca formar sua identidade e se tornar independente, fazendo com que muitos de seus atos sejam impulsivos e inconsequentes, acarretando ações como a prática do sexo inseguro. Por ser uma fase em que o indivíduo não seja completamente ciente das consequências de seus atos, o ato sexual é uma das ações que mais traz riscos para ele mesmo. Ao realizar o ato sexual sem proteção além de poder contrair infecção sexualmente transmissível (IST's), há o risco da gravidez indesejada, gravidez de risco e a limitação do desempenho escolar, dessa forma interferindo no modo de vida (MOLINA et al. 2015).

Os adolescentes afirmam que não buscam informações sobre isso com os pais por questões de afinidade, e que eles procuram sobre isso com os amigos, em palestras ofertadas na escola televisão (MOLINA et al. 2015). A família exerce um papel fundamental na construção da educação sexual, porém muitos pais relatam dificuldades em abordar esse tipo de assunto, ou então não se dispõe para um diálogo e assim eles responsabilizam a escola para realizar tal função (MADUREIRA et al. 2010).

Métodos contraceptivos são maneiras, que envolvem uso de medicamentos, cirurgias, modos comportamentais e alguns objetos que têm o objetivo de prevenir/evitar a gravidez. Há diversos tipos de métodos contraceptivos e são classificados em métodos reversíveis e irreversíveis, além de existir métodos diferenciados pelo sexo, ou seja,



masculino e feminino. Os métodos contraceptivos são classificados da seguinte forma: métodos hormonais: orais, injetáveis, implantes subcutâneos, adesivos, dispositivos intrauterinos de cobre (DIU) ou hormonal (Mirena); Métodos de barreira: camisinha feminina e masculina, diafragma com espermicida; Métodos de barreira química; Métodos comportamentais: coito interrompido, abstinência, tabelinha, análise do muco cervical e temperatura basal; Métodos irreversíveis: laqueadura tubária e vasectomia (BRASIL, 2009).

Em relação ao conhecimento dos métodos, o mais conhecido é a camisinha feminina e masculina, em seguida a segunda mais conhecida é a pílula do dia seguinte e pílulas orais convencionais. Os outros métodos não foram muito abordados pelos adolescentes o que indica que há uma necessidade grande de dar continuidade ao acesso às informações e de conscientizar sobre a importância da utilização contínua dos métodos contraceptivos. A atuação do professor ou outro educador em contato com o aluno é de suma importância visto que é através dele que os jovens vão obter respostas às dúvidas em relação aos métodos contraceptivos, explicando corretamente sua utilização, grau de segurança e eficácia, contribuindo com a aceitação e consequente uso destes por parte do adolescente (MADUREIRA et al. 2010).

Apesar destes diversos métodos serem ofertados pelo sistema Único de Saúde (SUS), o índice de fecundidade na adolescência no Brasil é elevado, se tornando um problema de Saúde Pública (MADUREIRA et al. 2010). Muitos são os fatores que influenciam esse resultado, como a falta de conhecimento sobre o assunto de anticoncepcionais, seus modos corretos de uso, muitas pessoas não sabem como ocorre uma gravidez e sendo assim não sabe como evitar uma gestação.

Na sociedade em que vivemos atualmente, o machismo ainda se faz bem presente e um dos efeitos disso é a ideia de que somente a mulher é responsável pela prevenção de uma gestação. Portanto é fundamental a educação igualitária sobre esse assunto para ambos os sexos, e assim fazendo com que os dois lados entendam que uma gravidez depende de duas pessoas para ocorrer e que os dois possuem total responsabilidade por isto (BRASIL, 2009).



Entretanto, não são todos os jovens e adolescentes que possuem acesso ao estudo, o que limita o conhecimento deles sobre esse assunto. Fato que faz com que seja muito provável que ele dependa das informações que os pais fornecem, que muitas vezes podem ser informações errôneas sobre, da internet ou tv (MOLINA et al. 2015). Neste caso cabe a rede básica a captação deste indivíduo para que ele tenha a assistência necessária ou o interesse dele mesmo de procurar um local especializado em saúde, como as Unidades Básicas de Saúde (UBS), ou Programas Saúde da Família (PSF).

A enfermagem possui um papel fundamental na educação da população, além de cuidado com a saúde do paciente. As causas que cercam a dificuldade de adesão aos métodos contraceptivos são diversas. Porém o motivo que mais é abordado e evidenciado em artigos é sobre a falta de conhecimento sobre o assunto, tanto dos próprios adolescentes, como daqueles que fornecem as informações sobre o assunto, sejam eles os pais, amigos ou os professores. Dessa forma a falta de informação levam os adolescentes a prática de sexo inseguro, sendo vulneráveis a adquirir uma IST's e uma gravidez indesejada (MADUREIRA et al. 2010).

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo de caráter transversal, exploratório-descritiva quantitativa. Após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CAAE 39592520.0.0000.5514), a coleta de dados foi realizada online com discentes de uma universidade no interior do estado de São Paulo. Para delimitação da amostra do presente estudo utilizou-se a população de discentes do curso de graduação de enfermagem entre 18 e 21 anos totalizando uma amostragem de 50 discentes. Critérios de inclusão: discentes entre 18 e 21 anos, de ambos os sexos, estando as mulheres grávidas ou não. Critérios de exclusão: discentes que não aceitarem participar da pesquisa, discentes de outros cursos e aqueles que apresentarem alguma patologia, que impossibilite ou dificulte a comunicação online.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1 – Caracterização da amostra estudada segundo idade, sexo, etnia, vida sexual ativa, filhos e semestre atual do curso de enfermagem, Bragança Paulista, 2021 (N=50).

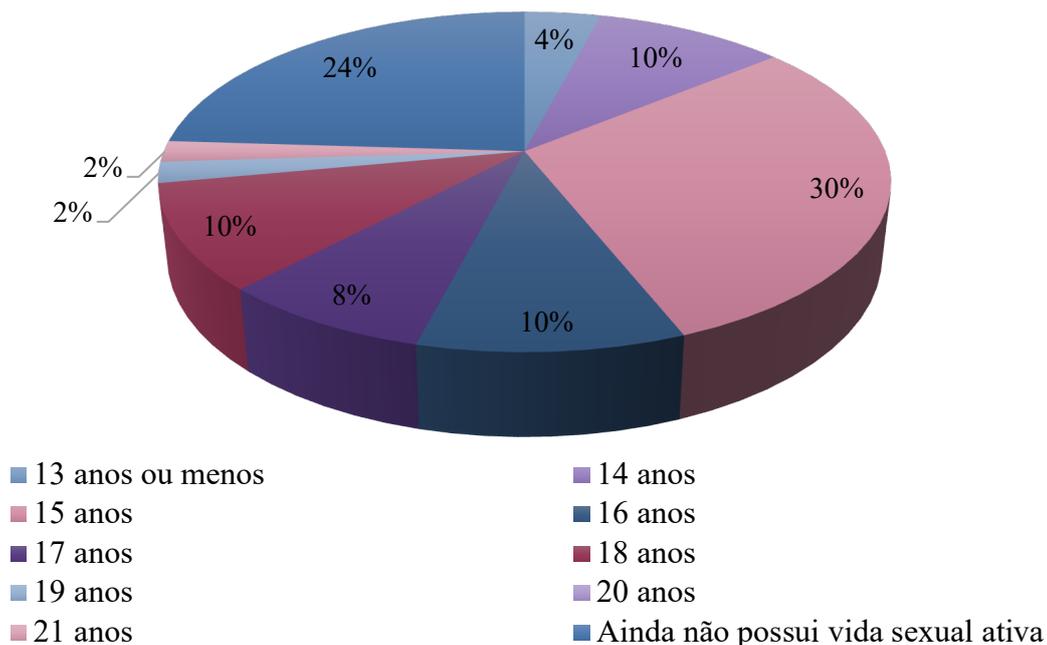
FAIXA ETÁRIA	N	%
18 anos	20	40,00
19 anos	14	28,00
20 anos	7	14,00
21 anos	9	18,00
SEXO	N	%
Feminino	47	94,00
Masculino	3	6,00
ETNIA	N	%
Amarela	0	0,00
Branca	36	72,00
Indígena	0	0,00
Negra	3	6,00
Parda	11	22,00
Prefiro não declarar	0	0,00
VIDA SEXUAL ATIVA	N	%
Sim	37	74,00
Não	13	26,00
POSSUI FILHOS	N	%
Sim	2	4,00
Não	48	96,00
SEMESTRE ATUAL DO CURSO	N	%
1º semestre	31	62,00
2º semestre	0	0,00
3º semestre	15	30,00
4º semestre	4	8,00
5º semestre	0	0,00
6º semestre	0	0,00
7º semestre	0	0,00
8º semestre	0	0,00
9º semestre	0	0,00
10º semestre	0	0,00
TOTAL	50	100,00

Fonte: próprio autor

Na tabela 1 deste estudo, 40% possuem 18 anos; 28% têm 19 anos; 14% têm 20 anos e 18% possuem 21 anos de idade. São do sexo feminino 94% e apenas 6% são do sexo masculino. A etnia mais declarada entre a amostra foi a branca, com 72%, em

seguida a parda com 22% e negra com somente 6%. Possuem vida sexual ativa 74% e 26% declararam que não possuem vida sexual ativa. Foi relatado que 4% possuem filhos. Se encontra cursando o 1º semestre 62%; no 3º semestre 30%; e no 4º semestre 8%.

Figura 1 – Idade da coitarca dos participantes, Bragança Paulista 2021 (N=50)



Fonte: próprio autor.

Na figura 1 destaca-se que faixa etária da coitarca é de 13 anos ou menos até os 21 anos de idade, 4% da amostra foi aos 13 anos ou menos; 10% aos 14 anos; 30% aos 15 anos; 10% aos 16 anos; 8% aos 17 anos; 10% aos 18 anos; 2% aos 19 anos; aos 20 anos não tiveram participantes; 2% aos 21 anos; e 24% dos participantes não possuem vida sexual ativa.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2012 demonstrou que 29% dos adolescentes de 13 a 15 anos já apresentaram a iniciação sexual, e de acordo com o Ministério da Saúde, a média de idade da coitarca está ocorrendo aos 14,9 anos no Brasil (LINS et al. 2017). O início sexual precoce é uma conduta de risco, pois o adolescente estará exposto a uma maior possibilidade de ter múltiplos parceiros sexuais ao longo da vida, até que realize a escolha de relações monogâmicas estáveis; quanto maior o número

de parceiros sexuais, maior a chance de exposição a infecções sexualmente transmissíveis (IST's) (SILVA et al. 2015).

Tabela 2 – Métodos contraceptivos mais utilizados, métodos contraceptivos mais conhecidos, e métodos que são conhecidos o uso/funcionamento correto, Bragança Paulista 2021 (N=50).

MÉTODOS CONTRACEPTIVOS	MAIS UTILIZADOS	MAIS CONHECIDOS	USO CORRETO
	N - %	N - %	N - %
Adesivo	0 - 0,00	26 - 52,00	14 - 28,00
Análise de muco cervical	0 - 0,00	5 - 10,00	1 - 2,00
Anel vaginal	0 - 0,00	23 - 46,00	8 - 16,00
Anticoncepcional via oral	22 - 44,00	49 - 98,00	34 - 68,00
Camisinha feminina	0 - 0,00	49 - 98,00	40 - 80,00
Camisinha masculina	21 - 42,00	50 - 100,00	50 - 100,00
Capuz cervical	0 - 0,00	1 - 2,00	1 - 2,00
Coito interrompido	4 - 8,00	27 - 54,00	23 - 46,00
Diafragma	0 - 0,00	17 - 34,00	6 - 12,00
DIU de cobre	1 - 2,00	41 - 82,00	30 - 60,00
DIU de cobre com prata	0 - 0,00	34 - 68,00	21 - 42,00
DIU hormonal (SIU)	1 - 2,00	40 - 80,00	25 - 50,00
Espermicida	0 - 0,00	12 - 24,00	5 - 10,00
Esponja	0 - 0,00	4 - 8,00	2 - 4,00
Implante contraceptivo	0 - 0,00	26 - 52,00	9 - 18,00
Injeção anticoncepcional	0 - 0,00	41 - 82,00	30 - 60,00
Laqueadura	0 - 0,00	36 - 72,00	23 - 46,00
Mini pílula	2 - 4,00	12 - 24,00	8 - 16,00
Pílula do dia seguinte/emergência	3 - 6,00	48 - 96,00	41 - 82,00
Tabelinha	1 - 2,00	35 - 70,00	19 - 38,00
Temperatura basal	0 - 0,00	11 - 22,00	2 - 4,00
Vasectomia	0 - 0,00	36 - 72,00	25 - 50,00
Outros	0 - 0,00	0 - 0,00	0 - 0,00
Não utiliza método contraceptivo	16 - 32,00	-	-
TOTAL	50 - 100,00	50 - 100,00	50 - 100,00

*Os participantes tinham a opção de assinalar mais de um método nas respostas da pesquisa realizada, resultando em uma soma total superior a 100%.

Fonte: próprio autor



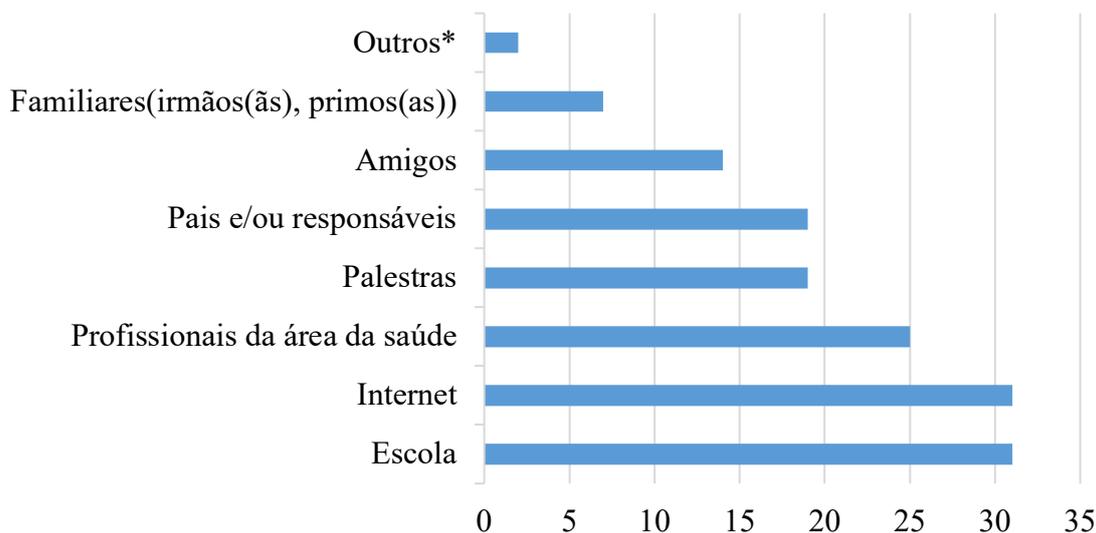
De acordo com a tabela 2 observa-se que a camisinha masculina foi um dos métodos com maiores porcentagens entre as 3 características (mais utilizados, mais conhecidos e que é conhecido o uso correto) com 42%, 100% e 100% respectivamente. O anticoncepcional via oral também é um dos métodos em destaque entre os mais utilizados (44%) e conhecidos (98%), porém houve uma queda no quesito de conhecimento do uso correto (68%). Os métodos com menores taxas entre os mais conhecidos consequentemente são os que tiveram menores taxas entre os mais utilizados e no conhecimento do uso correto, como a análise de muco cervical, capuz cervical, esponja e temperatura basal que tiveram as menores taxas nas 3 características.

A prevalência de adolescentes que utilizam métodos contraceptivos é relativamente elevada. No Brasil os métodos contraceptivos usados pelos adolescentes são praticamente limitados ao anticoncepcional via oral e a camisinha masculina (BORGES et al. 2016). É comum o uso da camisinha masculina por ser um dos únicos métodos que protege contra IST's, além da gestação não planejada, sendo um dos métodos mais indicados para os adolescentes, além do uso do anticoncepcional via oral (KERNTOPF et al. 2015).

O fato do preservativo masculino ser mais conhecido provavelmente está relacionado à intensa campanha do Ministério da Saúde focada neste método, além de apresentar menor custo em relação aos outros métodos existentes. Ademais citar os métodos contraceptivos não significa conhecê-los em si, isto é, ter adquirido informações suficientes sobre o modo correto de uso, vantagens e desvantagens (MENDES et al. 2011). Mesmo com a disponibilidade de informações atualmente, o conhecimento efetivo sobre as formas de funcionamento e de uso dos métodos contraceptivos não é satisfatório (DELATORRE; DIAS, 2015).

Os adolescentes relatam que não possuem um amplo conhecimento sobre os métodos contraceptivos, além de não saber usá-los de forma adequada. Uma situação que está diretamente relacionada à forma e à qualidade das informações recebidas referente ao assunto.

Figura 2 – Como foi adquirido o conhecimento sobre os métodos contraceptivos segundo os participantes. Bragança Paulista 2021 (N=50).



*Os participantes tinham a opção de assinalar mais de um método nas respostas da pesquisa realizada, resultando em uma soma total superior a 100%.

Fonte: próprio autor

As duas maiores fontes das quais foram adquiridos o conhecimento sobre métodos contraceptivos são a escola e internet com 62%; os profissionais da área da saúde 50%; palestras e pais e/ou responsáveis com 38% cada; amigos 28%; familiares (irmãos(ãs), primos(as)) 14%. Entre a alternativa “outros”: parceiros com 2% e o curso técnico de enfermagem também com 2%.

Segundo o estudo realizado por Seabra et al. (2012) a maioria dos entrevistados que eram estudantes da área da saúde, relataram que a forma pela qual adquiriram conhecimentos foi por meio de palestras/escola, ou através de meios de comunicação. dados que sugerem que estes estudantes tendem a buscar uma fonte de informação mais especializada no assunto.

A escola é um ambiente adequado para realizar a educação em saúde, e trabalhar este assunto, sendo que é o período em que os adolescentes geralmente iniciam a vida



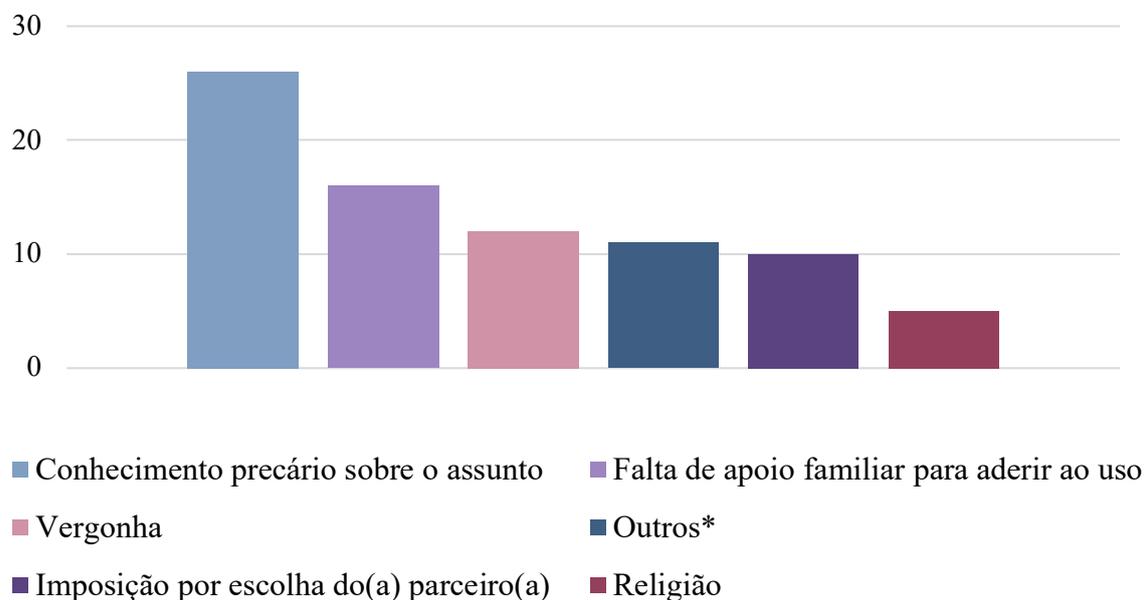
sexual. Porém é válido ressaltar que sem a intersectorialidade entre a saúde e educação, o processo se torna fragilizado, ocorrendo a disseminação de informações incorretas ou incompletas (WILDEMBERG FIEDLER et al. 2015).

Como citado acima, seria ideal que a aquisição de conhecimentos sobre saúde sexual e métodos contraceptivos ocorresse de forma mais expressiva por intermédio de profissionais de saúde, pois o conteúdo da informação fornecida pela mídia ou por amigos pode ser duvidoso e incompleto (SILVA et al. 2010).

O direito à informação e à educação sexual é um dos Direitos sexuais que compõe parte dos Direitos Humanos. A Assembleia Geral da WAS (World Association for Sexology) aprovou as emendas para a Declaração de Direitos Sexuais, definida em Valência, no XIII Congresso Mundial de Sexologia, em 1997 (MAIA; RIBEIRO, 2011).

É importante ressaltar que além de fornecer as informações corretas sobre o assunto e sanar dúvidas, o profissional deve orientar os adolescentes como e onde buscar informações confiáveis; considerando que a internet é uma fonte muito ampla que possui muitos dados errôneos na mesma proporção que há dados extremamente seguros. É imprescindível também expor os direitos que os adolescentes possuem para garantir acesso à atendimento e o uso de métodos contraceptivos pelo SUS.

Figura 3 – Motivos que dificultam/impedem a adesão ao uso dos métodos contraceptivos segundo os participantes. Bragança Paulista 2021 (N=50).



*Os participantes tinham a opção de assinalar mais de um método nas respostas da pesquisa realizada, resultando em uma soma total superior a 100%.

Fonte: próprio autor

Segundo o estudo, o conhecimento precário sobre o assunto é o motivo que mais dificulta/impede a adesão ao uso dos métodos contraceptivos com 52%. Além deste motivo, a falta de apoio familiar para aderir ao uso é de 32%; em “outros” 22% citaram mais motivos, 6%: não têm motivos que impeçam/difícultem o uso; 6%: medo por conta dos efeitos colaterais; 4%: a maioria dos métodos serem voltados para o sexo feminino, além da falta de incentivo para outros tipos de métodos para o sexo masculino; 2%: não usam nenhum método por escolha própria; 2%: falta de insumos financeiros para arcar com a maioria dos métodos; 2%: medo da eficácia dos métodos; 2%: falta de apoio governamental para a educação sexual nas escolas e para a realização de laqueadura/vasectomia devido às exigências absurdas necessárias.

O conhecimento dos métodos contraceptivos é um fator que pode contribuir para que escolham o método mais adequado para si e para o seu companheiro, considerando fatores como: estado e condições de saúde, situação financeira ou facilidade no uso



(FERRERA et al. 2019). De acordo com a revisão integrativa de Luna et al. (2012, p. 58) quanto às estratégias educativas desenvolvidas, as investigações evidenciaram a relevância do trabalho com grupos, visto que estes contribuem a interação entre os adolescentes e os coordenadores, propiciando a troca de saberes e afetos. Além de promover a conscientização sobre os riscos às DST/AIDS e dessa forma, favorecer a mudança de comportamento a partir das necessidades específicas de cada adolescente.

O método contraceptivo reversível mais conhecido e utilizado no Brasil são os anticoncepcionais via oral. Por ser um método muito conhecido, faz com que essa seja uma possível razão de escolha para pacientes adolescentes. É um método muito vantajoso que oferece proteção para quem possui anemia, cistos foliculares, tumores benignos de mama e ovários etc. Mesmo sendo um método com diversas vantagens para muitas usuárias, seu uso possui diversos efeitos colaterais frequentes como: náuseas, sangramento vaginal irregular, cefaleia, hipersensibilidade mamária e alterações no humor, além de estar associado a complicações sérias como: trombose venosa profunda e contraindicada para pacientes que possuam histórico atual ou progresso de eventos tromboembólicos, suspeita/certeza de câncer de mama e outros tumores hormônio-dependentes, hepatopatia aguda ou crônica, hipertensão arterial, doença vascular, enxaqueca com sintomas neurológicos focais, diabetes com complicações e lúpus (CARDOSO et al. 2019).

Observa-se a escassez de métodos de contraceptivos atribuído ao público masculino gerando um dos relevantes fatores da baixa procura e adesão ao planejamento familiar por parte dos homens. Constata-se, algumas vezes, como única opção a vasectomia, e a parcela masculina da população tende a transferir às mulheres a responsabilidade sobre o controle da prole. identifica-se que diante de tal problemática, hoje é discutido a lúdica necessidade do surgimento de métodos contraceptivos voltadas ao público masculino (SILVA et al. 2018).

Outro fator que teve uma taxa elevada foi a “vergonha”, porém é um fator muito pessoal, que cada indivíduo lida de uma forma diferente para superá-lo. Já o conhecimento precário, cabe a nós enfermeiros e aos outros profissionais da área da saúde



combatê-lo de diversas formas como: palestras, grupos de apoio, consultas etc., sempre fornecendo informações de qualidade e atualizadas.

CONCLUSÃO

Este estudo teve o objetivo de identificar o conhecimento, a adesão e/ou motivos que dificultem esta adesão, aos métodos contraceptivos pelos adolescentes graduandos da área da saúde em uma Universidade particular na região de Bragança Paulista. Os resultados obtidos em relação ao conhecimento geral sobre os métodos contraceptivos disponíveis foi bem limitado diante da variedade existente, os mais apontados foram a camisinha masculina e os anticoncepcionais via oral ambos com 98%. É relevante pontuar que conhecer a existência dos métodos não significa que é conhecido o uso correto deles, este fato foi evidenciado na pesquisa.

O conhecimento precário sobre o assunto sobressaiu como motivo que impede ou acaba dificultando a adesão aos métodos (52%). Considerando que a pesquisa foi realizada com um curso de graduação da área da saúde é de suma importância focar neste déficit que foi exposto nesta pesquisa; de tal forma que os docentes dessa área possam atuar conseguindo um saber em a respeito do assunto em questão. Contribuindo para a formação de profissionais capacitados a multiplicar informações em saúde de forma correta e abrangente para a população.

Tendo o profissional enfermeiro como educador em saúde, este estudo se torna relevante no quesito de fomentar uma análise crítica a respeito dos conhecimentos prévios e adquiridos em graduação de enfermagem. Cabe salientar que necessitamos de mais pesquisas neste aspecto a fim de tornarmos o ensino em saúde excelente em sua ideologia de mudanças de paradigmas.



<http://ensaios.usf.edu.br>

REFERÊNCIAS

BORGES, Ana Luiza Vilela et al. ERICA: início da vida sexual e contracepção em adolescentes brasileiros. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, supl. 1, 15s, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102016000200307&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4346133/mod_resource/content/1/direitos_sexuais_reprodutivos_metodos_anticoncepcionais.pdf>. Acesso em 30 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de atenção à Saúde. Prevenção de gravidez na adolescência é tema de campanha nacional. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/prevencao-de-gravidez-na-adolescencia-e-tema-de-campanha-nacional>>. Acesso em 14 set. 2020.

CARDOSO, Lucélia Caroline dos Santos et al. A utilização de contraceptivos hormonais por adolescentes e potenciais riscos para a saúde. **Clinical & Biomedical Research**, [S.l.], v. 39, n. 1, june 2019. ISSN 2357-9730. Available at: <<https://www.seer.ufrgs.br/hcpa/article/view/85153>>. Acesso em: 27 abr. 2021.

DELATORRE, Marina Zanella; DIAS, Ana Cristina Garcia. Conhecimentos e práticas sobre métodos contraceptivos em estudantes universitários. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 1, p. 60-73, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 abr. 2021.



<http://ensaios.usf.edu.br>

FERRERA, Ana Paula Cavalcante; BARRETO, Ana Cláudia Mateus; SANTOS, Janaína Luiza dos; COUTO, Leila Leontina; KNUPP, Virginia Maria Azevedo de Oliveira. (Des) Conhecimento de mulheres sobre a utilização de métodos contraceptivos. **Rev enferm UFPE** online, Recife, 13(5):1354-60, maio, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/239109/32264>>. Acesso em: 27 abr. 2021.

FIEDLER, Milla Wildemberg; ARAÚJO, Alisson; DE SOUZA, Márcia Christina Caetano. A prevenção da gravidez na adolescência na visão de adolescentes. **Texto & Contexto Enfermagem**. Santa Catarina, v. 24, n. 1, pp. 30-37, mar. 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71438421004>. Acesso em 28 abr. 2021

KERNTOPF, Marta Regina; LACERDA, Josefa Fernanda Evangelista de; FONSECA Natália Henrique; NASCIMENTO, Emmily Petícia do; LEMOS, Izabel Cristina Santiago; FERNANDES, George Pimentel; MENEZES, Irwin Rose Alencar de. Sexualidade na adolescência: uma revisão crítica da literatura. **Adolesc. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 106-113, setembro 2016. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v13s2a13.pdf>. Acesso em 14 abr. 2021.

LINS, Laís Sandres; SILVA, Luan Airton Marques da; SANTOS, Robson Gomes dos; MORAIS, Tayza Beatriz Duarte de; BELTRÃO, Thaís de Andrade; CASTRO, José Flávio de Lima. Análise do comportamento sexual de adolescentes. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde** [Internet]. 2017;30(1):47-56. :Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=40851313007>. Acesso em 25 abr. 2021.

LUNA, Izaildo Tavares; DA SILVA, Kelanne Lima; DIAS, Fernanda Lima Aragão; FREITAS, Marta Maria Costa; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa. Ações educativas desenvolvidas por enfermeiros brasileiros com adolescentes vulneráveis às dst/aids. **Ciencia y Enfermería**, Chile, v. 18, núm. 1, pp. 43-



<http://ensaios.usf.edu.br>

55, abril, 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=370441809005>. Acesso em: 27 abr. 2021.

MADUREIRA, Luciana; MARQUES, Isaac Rosa; JARDIM, Dulcilene Pereira. Contracepção na adolescência: conhecimento e uso. **Cogitare enferm.**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 100-105, março 2010. Disponível em http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141485362010000100015&lng=es&nrm=iso. Acesso em 30 jun. 2020.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação**, v. 15, n. 1, p. 41-51, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124985>>. Acesso em: 27 abr. 2021.

MENDES, Stéfani de Salles et al. Saberes e atitudes dos adolescentes frente à contracepção. **Rev. paul. pediatr.**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 385-391, Sept. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822011000300013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 27 abr. 2021.

MOLINA, Mariane Cristina Carlucci, STOPPIGLIA, Patrica Grazieli Silverio, MARTINS, Christine Baccarat de Godoy, ALENCASTRO, Lidiane Cristina da Silva. Conhecimento de adolescentes do ensino médio quanto aos métodos contraceptivos. **O Mundo da Saúde**, São Paulo - 2015;39(1):22-31. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15343/0104-7809.201539012231>. Acesso em 30 jun. 2020.

SEABRA, Larissa de Oliveira; MOREIRA, Fabrício Henning Barbosa; ROCHA, Jackson dos Santos; NERY, Inez Sampaio; GONÇALVES, Lucimar Ramos Ribeiro. Conhecimento de métodos contraceptivos por universitários da área de saúde. 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/328/130>>. Acesso em 28 abr. 2021



<http://ensaios.usf.edu.br>

SILVA, Aniel de Sarom Negrão et al. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Rev Pan-Amaz Saude**, Ananindeu, v. 6, n. 3, p. 27-34, set. 2015. Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232015000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 abr. 2021.

SILVA, Flávia Calanca da et al. Diferenças regionais de conhecimento, opinião e uso de contraceptivo de emergência entre universitários brasileiros de cursos da área de saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 9, p. 1821-1831, set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2010000900015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 abr. 2021.

SILVA, Wesley Gomes da et al. O planejamento familiar para homens. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 12, n. 11, p.3098-3109, nov. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/237248>>. Acesso em maio 2021.

Publicado em 03/05/2022